

## Bases Teórico-Filosóficas do livro *O Pós-Turismo* de Sérgio Molina

*Do pensar histórico á negação do pós-turismo.*

João dos Santos Filho<sup>1</sup>

### RESUMO

Iniciamos a discussão do “Pós-turismo” buscando explicitar o método que Molina usou para criar tal conceito e demonstrar como o mesmo contribui para o empobrecimento científico e acadêmico da teoria do turismo, evidenciando que a criação desse conceito aplica-se como uma construção voltada para o mercado e não para o saber turístico. Com a ajuda dos métodos sociológicos (funcionalismo, estruturalismo e materialismo histórico) podemos identificar como o autor constrói sua visão de mundo e limita a formulação do conceito de pós-turismo empobrecido pela falta de uma formulação histórica para se render a uma visão puramente empirista de fundo economicista. Perde-se a preocupação epistemológica para dar lugar aos ensinamentos de auto-ajuda do empreendedorismo salvatério.

**Palavras-chave:** Pós-turismo. Funcionalismo. Estruturalismo. Neoliberalismo. Positivismo.

### Introdução

Com a pós-modernidade, rompe-se discursivamente com as cadeias que prendem os sujeitos aos limites da razão moderna: irracionalidade, subjetividade, particularismos deixam de serem expressões de protesto contra todo o totalitarismo para ganhar status de elaboração e de concepção (LOMBARDI, 2003, p. XXXIII).

Desenvolvemos o presente estudo seguindo a divisão organizacional e formal dada pelo próprio Sérgio Molina em seu livro “Pós-turismo”, para podermos assim, buscar entender os fundamentos ideológicos do pensamento do autor. Nossa intenção se prende no campo epistemológico, para compreender melhor o fenômeno turístico e pela necessidade de cultivar uma postura constante de discussão teórica desta temática entre estudiosos do fenômeno.

Com isso, estamos avançando para um debate puramente acadêmico, pois consideramos o professor Molina, competente escritor mexicano, intelectual de extrema

---

<sup>1</sup> Professor da UEM - Universidade Estadual de Maringá

importância para o estudo do turismo pela contribuição que o mesmo dá para a consolidação de um arcabouço teórico/metodológico nesse campo.

Nossa intenção é formar uma corrente para o debate teórico e filosófico, entre os intelectuais que escrevem sobre os saberes turísticos na América - Latina, buscando resgatar uma historiografia que expresse a universalidade construída com base na essencialidade de cada povo, do chamado “novo” continente, como assim se referiam os colonizadores. Essa intenção só pode se concretizar quando voltamos para nós mesmos e indagamos sobre a referência feita pelo historiador, ensaísta, professor, antropólogo e militante político Darcy Ribeiro que em um de seus inúmeros escritos, afirmando:

O certo é que nossa Latino-americanidade, tão evidente para os que nos olham de fora e vêem nossa identidade macro étnica essencial, só ainda não faz de nós um ente político autônomo, uma nação ou uma federação de estados nacionais latino-americanos. Mas não é impossível que a história venha a fazê-lo. A meta de Bolívar era opor aos Estados Unidos Setentrionais os Estados Unidos Meridionais. A Pátria Grande de Artigas, a Nuestra América de Martí apontam no mesmo rumo (RIBEIRO, 1995, p. 143).

Nosso procedimento metodológico para analisar a referida obra de Molina tem por objetivo questionar a definição de pós-turismo do autor, e propor outra interpretação teórica para o estudo desse fenômeno.

Molina deixa claro, que parte do pressuposto de que o avanço e a transformação tecnológica são os elementos fundamentais para a explicação do desenvolvimento do pós-turismo, porém relativiza esse entendimento, quando afirma:

[...] mas sim da entrada de um novo limiar do desenvolvimento turístico que não pode ser explicado somente pelas tecnologias de projetos, pela qualidade dos serviços ou pela competitividade. Trata-se efetivamente de um novo paradigma que denominamos **pós-turismo** (MOLINA, 2003, p. 9).

Porém, afirmamos que o autor apesar da tentativa de não quer reafirmar a premissa da tecnologia, condiciona em todo seu livro ao entendimento do termo pós-turismo como sinônimo de alta tecnologia principalmente no campo da informática, qualidade total e competitividade.

Este refúgio teórico de Molina na qual ele se ampara, demonstra que sua análise restringe-se a uma visão economicista de base existencialista, pois a existência precede a essência, ou seja, a nega a razão humana e despreza a história. Este processo é decorrente de um tecnicismo ratificado por “[...] uma nova ideologia supracientífica ou anticientífica, graças à intuição, novo instrumento do conhecimento” (LUKÁCS, 1979, P. 54). A afirmação de que o turismo é coordenado pelas grandes empresas, consórcios e pelo setor público que não trabalham com modelos turísticos, mas sim, modelos de desenvolvimento, de mercado ou de consumo em geral:

As políticas de desenvolvimento empresarial e governamental não partem do turismo, porque não se reconhece o turismo como um campo específico de estudo e análise, de maneira que os procedimentos metodológicos e conceituais que levam à prática derivam-se de outras áreas disciplinares ou provêm de outras atividades (MOLINA, 2003, p. 9).

Molina faz uma afirmação inteligente, pois o turismo acaba sendo visto como algo sempre periférico, tanto no setor privado como público, entretanto, esquece que quando surge como modelo para o “desenvolvimento” e mais especificamente liderado pelo setor governamental brasileiro, ocorre o desastre que foi como políticas públicas de turismo - O Programa Nacional de Municipalização do Turismo – PNMT\*. Modelo imposto de cima para baixo, que continha grande interesse político personalizado por parte do presidente da EMBRATUR, Caio de Carvalho em 1996.

Nesse sentido, as Políticas Públicas no Brasil no campo do turismo privilegiam as questões pessoais, e são decorrentes de modelos importados, como foi o caso já citado do PNMT que despreza a participação popular voluntária e crítica, desenvolvendo a lógica da negação dos conflitos em que prevalece estrategicamente a vontade dos moderadores.

---

\* Para o leitor poder entender tal afirmativa, sugerimos a leitura da tese de doutorado defendida em 2003 na Universidade de São Paulo na área de concentração: Relações Públicas, Propaganda e Turismo por Zilda Maria Alves Matheus sob orientação da prof. Dr. Dóris van de Meene Ruschmann. Como também os artigos de nossa autoria publicados nos sites: [espacoacademicco.com.br](http://espacoacademicco.com.br) e [estudosturisticos.com.br](http://estudosturisticos.com.br). Especialmente os escritos: O turismo brasileiro: equívocos, retrocessos e perspectivas; Programa Nacional de Municipalização do Turismo: o exemplo de irresponsabilidade de política pública.

Assim é como Molina caminha para a adoção de modelos, como proposta para orientar as políticas de turismo, entende que o:

O pós- turismo não é só mais uma fase, mas uma ruptura com o turismo tradicional (o de caráter industrial com suas diferentes etapas evolutivas), que implica novas concepções e enfoques metodologias e tecnologias, além de uma nova distribuição do papel dos governos, das empresas e das comunidades locais (MOLINA, 2003, p. 10).

Os conceitos e enfoques anteriores são negados como fatos importantes, mais uma vez que Molina por sua visão estruturalista rejeita a história, por esse motivo faz a afirmação sem fundamento de que:

Outras forças que me permitiram caracterizar o pós-turismo se originaram em Orlando, nos Estados Unidos, um destino turístico com parques temáticos de alta tecnologia, operando em espaços semifechados e muitos deles readaptando o ambiente natural e criando cenários e manifestações culturais. Ali, as atividades turísticas foram planejadas distantes dos espaços da comunidade local (MOLINA, 2003, p. 10 e 11).

Limita a compreensão do termo Pós-turismo ao puro tecnicismo estrutural levado pela tecnologia, que trabalha de formas infinitas com o lúdico dos homens, privilegiando os meios em detrimento aos fins. Essa é uma visão que nega a história, e avança para fetichismo como um conteúdo de anti-lazer, que não reflete a emancipação dos homens, mas sim, o fortalecimento do modo de produção capitalista naquilo que ele tem de mais egoísta a noção de propriedade privada.

O autor afirma: "O pós-turismo é um modelo que implica um novo paradigma (valores, metodologias e técnicas) ainda em processo de desenvolvimento, análise e enriquecimento conceitual." (MOLINA, 2003, p.13).

Nesta afirmação, o autor induz que entende o pós-turismo em seu movimento histórico, porém, em seguida coloca que o:

O pós-turismo não exclui as manifestações conhecidas de turismo. Tampouco trata de propor que todas as manifestações conhecidas de turismo devam evoluir até o chamado pós-turismo.

O pós-turismo é uma alternativa, uma opção para as sociedades que buscam novos sentidos e soluções para seus desafios, uma vez que procuram implementar os recursos provenientes do conhecimento e da tecnologia que produzem, acumulam e adotam. (MOLINA, 2003, p.13).

A noção de algo superior, como privilégio de alguns parece aderente a uma visão de Molina, que parte para configurar o pós-turismo como artificialismo, em que a tecnologia e a qualidade total ganham espaços dentro da visão de pós-modernidade. Colocando o turismo, como algo que pode ser criado e transplantado por meio de modelos, em áreas desprovidas de qualquer perfil para esta atividade como foram os casos enfrentados pela empresa Walt Disney e o deserto de Las Vegas.

Nesse caso, o pós-turismo só seria possível de se efetivar, por aquelas empresas ou países que detivessem o poder da alta tecnologia, no campo diverso da amplitude da ciência da informática. As possibilidades de criar realidades impossíveis na vida real, bem como, a manipulação do lúdico dão a esses fatores a força de manipular comportamentos de crianças, adultos e nações, inculcando idéias segundo os interesses de classe.

Molina afirma com muita propriedade que os “[...] vários estudos que buscam distinguir as diferentes etapas do desenvolvimento turístico e empresarial [...] estabelecem que a evolução histórica do turismo pode dividir-se em períodos temporais”... (MOLINA, 2003, p. 21), Isto é, plenamente verdadeiro e pode ser constatado empiricamente pelas publicações, porém ele se esquece de dizer, a procedência e o tipo desses estudos. Entendemos ser para quantificação do fluxo de turistas, como explicita:

“[...] em função de sucessos qualificados como relevantes, por exemplo, a criação de uma dependência estatal, a promulgação de uma lei ou a superação de um certo número “mágico” na afluência de turistas (MOLINA, 2003, p.21).

A visão histórica de Molina segue uma cronologia evolucionista de base no crescimento econômico, às etapas são determinadas pelas mudanças na captação de fluxos e dos recursos financeiros. O que difere radicalmente de uma visão histórica dialética, pois esta preocupado com o desenvolvimento das relações de produção, contra-ponto direto do economicismo neoliberal, tratado pelos Estados que enxerga o turismo como instrumento da salvação da economia, como pode ser percebido pela lógica do “Plano Nacional de Turismo” brasileiro que esta voltada para o turismo receptivo, com o objetivo de criar nove milhões de empregos.

O autor de forma heurística e pedagógica trabalha com a categorização de diferentes tipos de turismo, que surgiram na sociedade, manifestando seu desconforto e afirmando de forma enfática um preconceito etnocentrista, quando afirma:

È importante entender que os conceitos e as práticas de viagens e de férias se revelam na realidade, manifestando-se e competindo entre si. Para os países da América Latina, nenhuma delas (pré-turismo, turismo industrial e pós-turismo) é perfeita ou ideal; cada uma traz consigo custos e benefícios, enfrentando ainda ameaças e oportunidades. Cada uma delas, além de ser seu mercado é provavelmente necessária (MOLINA, 2003, p.22).

Em primeiro lugar, o surgimento de um conceito é produto de uma práxis histórica e não um construto mental weberiano, pois as relações sociais são produtos da luta de classe. Portanto ele, expressa uma universalidade que permite ser questionada, pois busca uma validade universal para ser considerada científica.

Em segundo o autor expressa toda sua visão etnocentrista, quando diz que os conceitos “nenhuma delas [...] é perfeita ou ideal” para os países da América Latina. Poderíamos até concordar com o autor de forma provisória, mas o mesmo tempo temos a impressão de que a América Latina não teve em seu desenvolvimento histórico a sinalização do fenômeno turístico, o que levamos a pensar que tudo começou com o capitalismo ou foi produto da revolução industrial. Assunto já debatido em encontro científico<sup>2</sup> no “I Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL”, realizado pela Universidade de Caxias do Sul – UCS nos dias 7 e 8 de novembro de 2003

Um dos grandes erros de Molina é partir do pressuposto de que o turismo começou com o capitalismo, essa forma de pensar limita a compreensão do mundo dentro de suas especificidades históricas e conduz a um pensamento submisso, como se nós não tivéssemos história, pois a mesma só aparece em razão da ocupação do Novo Mundo.

O autor inicia esta parte do seu livro com uma afirmação que identifica claramente os componentes que formam sua visão de mundo:

---

<sup>2</sup> Em artigo de minha autoria denominado. Negação do Paraíso Celestial e a luta pela Emancipação do Trabalho: a Busca do Reino da liberdade. Ensaio Sociológico sobre o Fenômeno do Lazer em Karl Marx e Paul Lafargue. O artigo foi publicado pela revista *Turismo em Análise* da Universidade de São Paulo, volume 15, numero 2, novembro de 2004.

A **teoria** e a **prática** do turismo têm experimentado diversas etapas em seu processo **evolutivo**, entre as quais é possível identificar três grandes: o pré-turismo (*o grand tour*), o turismo (as concepções industriais) e o pós-turismo (MOLINA, 2003, p.22).

A lógica para entender a teoria e a prática nega a noção de práxis como produtora do movimento da história, pois demonstra uma separação que só existe como conceito heurístico e como o próprio autor afirma são etapas de um processo evolutivo, marcado por momentos, configurando uma visão linear e não seqüencial do movimento da história.

O pré-turismo o qual identifica com o *grand tour*, que ocorreu na Europa entre o século XVII até XVIII no decorrer das revoluções industriais. Essa noção parte do pressuposto, que o turismo começou com o capitalismo. Será que quando Pedro Álvares Cabral e Cristóvão Colombo chegaram à América, os nativos que eram donos desse continente apresentavam estágios diferentes sócio-culturais não desenvolviam atividades de lazer, ócio e não tinham tempo livre? Será que estas atividades não sinalizavam um todo mais desenvolvido, que era o fenômeno turístico? Será que os relatos descritivos pelos jesuítas sobre o Brasil e países Latinos, não especificam roteiros turísticos do século XVIII?<sup>3</sup> Será que as atividades lúdicas e rituais do homem na busca pela subsistência, não poderiam ser sinalizações, e se forem por que partir da etapa que turismo começa com o capitalismo? Será que não estamos emulados pela ideologia do colonizador e, portanto nossa história esta contaminada por uma historiografia dos pólos dominantes?

O turismo industrial primitivo relata o autor, surgem os primeiros serviços de um pré-trade e termina no personagem de Thomas Cook, que os próprios historiadores ingleses o relegam a um segundo plano, entretanto aparecendo posteriormente com a necessidade de formatar uma historiografia universal.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Consultar trabalho elaborado por João dos Santos Filho. Ordem Régia de Censura a Roteiros Turísticos do Século XVIII: André João Antonil no Índex. In: Revista Turismo em Análise. São Paulo: ECA/USP. V 12, n.1. 2001.

<sup>4</sup> Trabalho aceito no II Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, realizado pela Universidade de Caxias do Sul – UCS nos dias 10 e 11 de setembro de 2004. Intitulado: *Thomas Cook: Marco da Historiografia Dominante no Turismo. Ensaio sociológico sobre o surgimento e preconceito ao fenômeno turístico na história.*

O turismo industrial maduro para Molina é aquele considerado como indústria, onde o lócus máximo de sua trajetória é o deslocamento de massa, aparecendo às empresas amparadas por grupos e holding internacionais. O poder público cria uma burocracia assentada em interesses de maior acumulação de capital para o país, pois toda atividade reguladora do trade turístico esta voltada o turismo receptivo. Essa idéia de indústria é tão forte em Molina que afirma:

Todo turismo industrial se baseia nas possibilidades do capital financeiro. O capital humano, as idéias, a visão do futuro, passam para um segundo plano, mas se recuperam nas fases posteriores, chegando a ocupar posição privilegiada (MOLINA, 2003, p. 25 e 26).

Cabem a nós como turismólogo e cientista social, indagar essa preciosa afirmação hegelianista do professor Molina, pois acreditar que localidades naturais e nativas<sup>5</sup> quando alvo do turismo mais predador - o industrial pode ser recuperado, e passam a ocupar posição de destaque. È não compreende a dimensão do ser humano e nem da sociedade capitalista, a não ser que o referido autor defenda a lógica neoliberal, em que a miséria e pobreza são naturalizadas como pontos turísticos exóticos para trabalhar com a adrenalina do turista.

O pós-turismo segundo Molina é definido como:

[...] um novo paradigma, uma categoria histórica emergente que altera certas considerações fundamentais do turismo originado anteriormente. As tecnologias de alta eficiência e os fenômenos sociais e culturais da década de 1990 explicam o desenvolvimento do pós-turismo em contraste com princípios que alteram a continuidade dos tipos de turismo industrial (MOLINA, 2003, p.27).

Mais uma vez Molina com toda ousadia de intelectual instigante, demonstra entender que uma categoria histórica emergente pode alterar considerações fundamentais anteriores, porém parece desconhecer que um conceito é produto do acúmulo de resquícios de formas econômicas desaparecidas. Essa lacuna em seu pensamento leva-o a não entender que como diz Karl Marx:

A sociedade burguesa é a organização histórica mais desenvolvida, mais diferenciada da produção. As categorias que

---

<sup>5</sup>Ler o texto de João dos Santos Filho. *Comunidade do Batoque luta e resiste para sobreviver aos interesses dos coronéis do Turismo*. Publicado na revista eletrônica Espaço Acadêmico. <http://www.espacoacademico.com.br/001/01joao.htm>

exprimem suas relações de todas as formas de sociedade desaparecidas, sobre cujas ruínas e elementos se acham edificadas, e cujos vestígios, não ultrapassados ainda, levam de arrastão desenvolvendo tudo que fora antes apenas indicado que toma assim toda a sua significação etc (MARX, 1982, p. 17).

Este é o motivo pelo qual entendemos que o termo “pós” tem uma concretude sinalizada historicamente, o que significa que não há alteração de continuidade dos tipos de turismo. Mas sim, novas significações surgem decorrentes do desenvolvimento das relações de produção e das forças produtivas. Porque se assim não for, a civilização padeceria de movimento e nada acumularia no campo econômico, cultural, social, político e estético, a sociedade seria um eterno começar do nada.

Não negamos o avanço da tecnologia, mas entendemos a mesmo como produto de um processo de continuidade e descontinuidade histórica que não se explica por si mesmo.

O mundo exterior existe independente de nossa consciência, pensá-lo é nossa obrigação, quando usamos da razão conseguimos dominar as leis da natureza e colocá-la a serviço da humanidade, por isso Marx ocupou parte de sua reflexão no método da economia política que se mescla com a ciência da história, quando entendemos que:

As condições sob as quais os homens produzem e trocam o que foi produzido variam muito para cada país e, dentro de cada país, de geração para geração. Por isso, a Economia Política não pode ser a mesma para todos os países nem para todas as épocas históricas. Desde o arco e flecha, passando pelo machado de pedra do selvagem, com os seus atos de troca, raríssima e excepcional, até a máquina a vapor de mil cavalos de força, os teares mecânicos, as estradas de ferro e o Banco de Inglaterra, existe um verdadeiro abismo [...] A Economia Política é, portanto uma ciência essencialmente **histórica** (ENGEL, 1976, p. 127).

Esta é mais uma das muitas razões para entendermos que os homens na trajetória de seu processo histórico, desenvolvem atividades mediadas pela atividade de trabalho e não trabalho, que surgem de maneira instintiva na luta para preservar a existência do ser humano. Portanto, os atos de não trabalho que se explicitam no principio da civilização vêm amalgamadas pelo lúdico e rito, e diferentes tipos de lazeres mesclados pelas artes ligadas na trinômia natureza, animais e homens. Não vai haver atividade de trabalho que não esteja desvinculada do lazer no modo de produção

tribal e comunal, porém, quando surge a mercadoria as atividades de lazer e trabalho se separam e se locam em oposição, pois vira mercadoria a serem consumidas.

Inacreditável mas Molina, entende com todas as letras que Pós turismo é uma etapa em que a tecnologia, o Iso 9000, a qualidade e a gestão são os princípios que caracterizam esse momento. Seu esquecimento com o turismo de inclusão e subsidiado para as classes populares é patente, pois afirma que os:

Produtos típicos do pós-turismo, como os parques temáticos de alta tecnologia, começam a registrar taxas de crescimento de seus preços ao público, que resultam maiores do que as dos pacotes de turismo de *sol e praia*, este último considerado o produto *Padrão* dos turismos industriais (MOLINA, 2003, p.28).

Se isto é considerado Pós-turismo o enfoque esta meramente voltada para a quantidade de fluxo de visitantes e de recursos financeiros que arrecada. Seus princípios são de ordem de caixa e nada preocupado com o turista, em seus impactos no campo cultural, social e político, a sensibilidade empresarial entende o turismo como indústria. Nesse caso, o entendimento é hostil a qualquer política de turismo subsidiado pelo Estado para a população de menor poder aquisitivo.

Molina ao abordar o desenvolvimento do turismo em nível mundial afirma:

[...], na década de 1950 o turismo triplicou em relação à década anterior; nos anos 60 as correntes turísticas duplicaram em relação à década passada; nos anos 70 o número de turistas internacionais não chegou a ser duplicado (MOLINA, 2003, p.29).

Com isso o autor quer esclarecer que há um decréscimo no fluxo do turismo mundial e coloca uma série de interpretações as quais passo a questioná-las:

Em primeiro lugar, o turismo na sua avaliação de crescimento e curso não pode ficar restrito a questões empíricas e de dados quantitativos, pois, sua dimensão ultrapassa a aparência dos fatos exigindo uma interpretação de base histórica. Para isso, nos cabe, sair da mera quantificação dos dados e partir para a essência dos mesmos, é aí que buscamos avançar além de Molina.

Vejamos as interpretações do autor:

“a) O turismo enfrenta uma séria e crescente concorrência por parte de outras formas de utilização do tempo livre” (MOLINA, 2003, p.30). Nesse caso, entendemos que Molina mantém a visão economicista do fenômeno turístico, pois o entende como um elemento capaz de ser quantificado somente em suas evidências empíricas, e o

considera no mundo do tempo livre um conceito diferenciado dos demais. Essa é uma forma kantiana de entender a realidade, na qual dificulta a visão do todo e conseqüentemente nega a possibilidade de uma visão histórica.

“b) O turismo industrial como modelo entrou em uma fase de maturidade de produto, ou seja, encontra-se na ante-sala do declínio de seu ciclo de vida, requerendo, portanto, uma profunda reciclagem ou ainda uma mudança de maior alcance em sua estrutura ( componentes e funcionalidade destes ) (MOLINA, 2003, p.30).” O termo turismo industrial ratifica mais uma vez a visão de Molina, pois entende o turismo como indústria e, portanto, o mesmo deve ser medido pelo fluxo de ingressos na economia de um país.

“c) Surge, então, como uma alternativa de transcendência a longo prazo, a necessidade de transformar radicalmente o produto/serviço com a finalidade de desenvolver novas experiências, para impedir que finalmente se estanque” (MOLINA, 2003, p.30). A transformação dos produtos/serviços advém de um processo histórico e não de um ato isolada ou de uma atitude de transcendência, pois o ato transformador se dá em virtude das condições objetivas da práxis entre o objeto e o sujeito. Além do que entendemos que a transcendência deve ser fruto da sinalização de referências históricas produto das bases matérias, e não fruto do idealismo.

“d) O advento e a convergência de novas tecnologias poderiam oferecer opções novas no uso do tempo livre das pessoas, relegando o turismo a planos secundários” (MOLINA, 2003, p.30). É evidente que o autor entende a tecnologia como uma entidade acima da realidade social e elemento desfigurador do fenômeno turístico, como que o mesmo, se comporta como instrumento inibidor do turismo ou que na escala social o reenquadra novos tipos de lazeres.

Em todas as interpretações esta presente o entendimento que a tecnologia determina quase de forma autônoma um novo tipo de fenômeno turístico o chamado Pós-turismo. Por que será que Molina trabalha com a categoria pós-turismo? É esta questão que devemos caminhar a discussão.

Molina sinaliza uma serie de mudanças que ocorreram no século XX, que atingem o turismo, entre elas destaca principal a alta tecnologia, na qual ele se refere da seguinte forma:

Consolidação de formas radicais para usufruir as férias (pós-turismo), articuladas às novas formas sociais e à emergência de culturas de alta tecnologia, que não apenas ficam impregnadas nos espaços fabris e de produção de serviços, mas também invadem a vida cotidiana – social e individual – das pessoas (MOLINA, 2003, p.33).

Ele se rende à tecnologia e percebe-a como uma nova matriz para o comportamento humano, abre de fato uma um leque infindável de encaminhamentos para entender o fenômeno turístico como algo dinâmico e processual. A atividade turística ganha dimensão e importância, congregando em seu eixo um novo elemento para o produto turístico a *tecnologia informática* que junto com a praia, recursos naturais e artificiais, ampliam um novo tipo de turismo.

Com essa percepção o autor discute quem controla o mercado? Nesse momento podemos perceber quais as bases filosóficas que contornam o pensamento de Molina. Em primeiro lugar constata, que os governos centrais detêm uma predominância sobre o mercado, impondo direções e determinando a governabilidade civil segundo decisões pensadas pelo aparelho de Estado:

No contexto do turismo industrial, primitivo e maduro, o mercado está regulado por uma força que se sobrepõe às demais, com certa predominância: o governo central. Este analisa, propõe e instrumenta o modelo com ações próprias ou por meio da transferência de recursos financeiros ao setor privado (MOLINA, 2003, p.34).

O autor entende que o “Estado interventor” que planificava a economia e a política do bem estar social esta superado, pois para ele o pós-turismo exige que “[...] as decisões descentalizam-se ao extremo, multiplicam-se as instâncias de poder, manifestam-se estratégias e pautas que permeiam as idéias e os afazeres sociais em todos os níveis e dimensões”. Entretanto, entendemos que apesar desse processo de divisão de poder que a sociedade impõe de controle, a mesma não esta excluindo o Estado, o que ocorre de fato é que a política neoliberal nega totalmente a participação do Estado e por isso a noção de “pós” avança e caminha em todas as instancias da sociedade.

Em segundo lugar, a idéia de “pós” indica ultrapassar o existente, ir além do capitalismo não enquanto sistema econômico, mas sim, atender o princípio básico da expansão máxima da produção, circulação da mercadoria e tecnologia, estendendo o acesso da mesma aos vários extratos sociais, na perspectiva de ampliar o consumo e

com isso, minimizar a exploração. Ampliando os horizontes da ampliação do Capital, congelando o cotidiano revolucionário da realidade e formatando a linguagem do “pós”, como presente em todas as instâncias da sociedade.

Com isto, queremos afirmar que a discussão do conceito de pós-turismo deve ser entendida em sua dimensão histórica e não como processo decorrente da tecnologia informática com assim pretende Molina. Apesar da sua insistência de querer afirmar que o conceito é fruto de:

O pós-turismo representa uma transformação radical, que em termos científicos poder-se-ia chamar “catástrofe”.

[...]

O pós-turismo está condicionado por uma racionalidade que ultrapassa o empirismo radical, ou seja, a simples demonstração e comprovação quantitativa (MOLINA, 2003, p.45).

Dentre as condicionantes das especificidades do mercado turístico, Molina coloca duas que me parecem muito improváveis de serem alcançadas, tanto pela iniciativa privada e porque não dizer pública:

Comunidades locais que tendem a apreciar o valor de seus recursos naturais e que desenvolveram uma consciência clara sobre o papel que desempenham no futuro da comunidade;

Comunidades locais que esperam do turismo não apenas uma possibilidade de emprego, mas também a oportunidade de participar das decisões sobre o tipo de turismo que desejam e o tipo de turistas com os quais estão dispostos a compartilhar seu próprio espaço (MOLINA, 2003, p.34).

Obviamente Molina deve estar falando de um modelo ideal de planejamento turístico em que as grandes corporações e o próprio Estado, raramente estão sensíveis às comunidades locais. O capital tem mostrado arredo a esse processo de participação popular, consulta e empregabilidade das populações residentes nos limites dos complexos turísticos.

A iniciativa privada decorrente das grandes corporações, quando se interessam por uma área para implantar um empreendimento turístico; *Resorts*, hotel ou parque temático, a decisão obedece a todo um planejamento de custos previstos e ocasionais o famoso caixa dois.

Em primeiro lugar adquirem o terreno, que pode obedecer ou não as leis de ocupação de áreas de preservação e de solo, tudo vai depender do *lobby* político e

econômico do grupo estrangeiro ou nacional proprietário do empreendimento. Todos nos sabemos, que o interesse é por áreas geográficas de preservação, áreas nativas e áreas indígenas, e a própria Mata Atlântica parece ser os locais preferidos das grandes corporações o professor Rafael Esteve Secall faz o seguinte comentário:

Las materias primas turísticas que adquieren los países imperialistas son el sol, el mar, el paisaje costero, es decir el medio ambiente turístico, y las utilizan gratuitamente a pesar de que para su disfrute por el turista, la administración del país visitado ha tenido que afrontar los gastos de construcción de una infraestructura que, asimismo, es prácticamente gratuita para los turistas (SECALL, 1983, P. 252).

Este processo de compra do terreno pode ser extremamente dramático, se o mesmo estiver ocupado por pequenos proprietários, que podem sofrer suborno e serem literalmente enganados ou ameaçados a aceitar o preço imposto pelos compradores. Em troca as grandes corporações não adquirem só o terreno, mas o sol, a beleza do litoral, privatiza as praias e afastam as populações locais do empreendimento.

Os *Resorts* ou qualquer outro empreendimento voltado para o turismo implantam-se nos litorais pouco habitados e ignoram sua população, pouco comprometidos com o lugar e com as pessoas. Quando muito, empregam a mão-de-obra barata e desqualificada e de baixo nível escolar. Pessoas das localidades turísticas são aproveitadas, se capacitadas e preparadas com treinamentos específicos, mas, para muitos empresários, não interessa tal investimento, assim, os melhores cargos de alto e médio nível são ocupados por pessoas de fora da comunidade.

Em segundo lugar, forçam o poder público a intermediar a compra, e a fazer terraplanagem, melhoramentos de saneamento básico como água, esgoto e iluminação pública e infra-estrutura viária para facilitar a chegada dos turistas.

E em terceiro lugar interferem politicamente na formatação das Políticas Nacionais de Turismo - PNT que obedecem aos interesses das grandes corporações internacionais. Nesse caso, o turismo receptivo surge como prioridade junto às políticas públicas de turismo, o que caracteriza aquilo que o professor Secall alerta:

Muy a menudo, las implantaciones turísticas aparecen como el resultado de una estrategia dirigida desde el exterior y desconocedora de la situación de la economía regional. Tal club o tal asociación de turismo que agrupa a docenas de miles de usuarios, va a decidir desde unas oficinas en París, Londres o Bruselas, la instalación de un camping o un centro turístico de 1.000 plazas aquí o allá, según las

VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP  
oportunidades de adquisición de terrenos que se le ofrezcan (SECALL,  
283, p. 313).

Parece que Molina, pensa mais como consultor de empreendimento turístico do que como acadêmico, pois acredita que os interesses do Capital podem proporcionar um desenvolvimento sem tramas ao meio ambiente e as populações nativas. Esquece que o capital privado determina seus interesses corporativos em detrimento da coletividade.

O mercado para Molina é conduzido e controlado pelo Estado (governo central) que analisa, propõe, e instrumentaliza o modelo “com ações próprias ou por meio da transferência de recursos financeiros ao setor privado”. (MOLINA, 2003, p. 34), como também afirma que: “Muitas vezes não se identifica a origem das propostas, não se estabelece com certa clareza quem tem o controle de algumas decisões e qual é o seu sentido”.

Molina tem razão quando afirma que o mercado é controlado pelo Estado, mas esquece de salientar que estamos numa sociedade de classe. “O governo do estado moderno não é senão um comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa”. (MARX, 1980, p.10.). Portanto, o Estado na sociedade capitalista tem dono e este é a classe dominante, que desenvolve um processo de dominação de classe constante e incessante por meio de uma ideologia lapidada pelo marketing político e a inculcação aliada ao processo de emulação.

Em mais uma referencia, sobre a essência do Estado, Marx em seu livro “A Ideologia Alemã” afirma:

[...] o Estado adquiriu uma existência particular junto da sociedade civil e fora dela; mas esse Estado não é mais do que a forma de organização que os burgueses constituem pela necessidade de garantirem mutuamente a sua propriedade e os seus interesses, tanto no exterior como no interior (MARX e ENGELS, 1976, p. 95)

Ao Estado comandado pela classe dominante fica-lhe reservado o papel de orientador e disciplinador de todos os elementos da economia em sua livre concorrência. Sendo que, a ingerência do mesmo na economia é questionada a todo instante, mesmo em ações de assistência social, ou aquelas onde a iniciativa privada não tem interesse ou capital para atuar.

Nesse sentido, a política neoliberal declara que a sociedade para funcionar deve delegar ao setor privado o gerenciamento do espaço público, para que essa política ganhe espaço e acelere a expansão do Capital. A ideologia expressa pelo grupo hegemônico inculca a idéia de que a esfera pública é deficiente, morosa, atrasada e naturalmente corrupta. Esses fatos colaboram para o descrédito quanto à atuação do Estado em diversos campos da sociedade, na educação, na saúde, no desenvolvimento básico, na alimentação, no turismo, nos recursos minerais e na própria tecnologia de ponta.

É nesse momento que o Estado sofre um constante processo de privatização dos serviços no campo da educação e saúde, bem como, ocorre uma campanha orquestrada pela burguesia nacional e internacional, de pressão para a venda de empresas públicas. No campo do turismo o processo é o mesmo, os exemplos são inúmeros, como o Empreendetur<sup>6</sup>, *Conventions Visitour Bureaux*<sup>7</sup> e empreendimentos imobiliários em

---

<sup>6</sup>Entre os programas existentes com as características apontadas anteriormente destacamos o *Empreendetur*, idealizado pela Associação de Bacharéis em Turismo (ABBTUR). Constitui-se em um exemplo do irracionalismo do pensamento burguês, pois caminha num mundo de puro fetichismo, negando as contradições da realidade e se opondo ao movimento dialético da história. Esse processo de alienação atinge todas as etapas do pensamento da classe dominante, sendo o ápice da separação entre a realidade e o pensamento.

Nesse sentido, os elaboradores do programa, quando criticados, se defendem argumentando que a realidade deve ser trabalhada no conjunto do mundo privado que governa os sistemas econômicos “sustentáveis”. Salientam que a saída para a inoperância da atividade pública se deve ao despertar do espírito empreendedor que existe em cada um de nós. Ressaltam ainda que as críticas ao programa sejam resultado de análises de viés ideológico.

Essa questão se fundamenta no princípio puritano, irracional e pedagogicamente errôneo de que toda e qualquer crítica ao *Empreendetur* passa por ser ideológica. É um equívoco daqueles que, para se defender, passam a atacar pessoas e grupos carimbando-os como portadores de ideologias diferentes e, portanto, resumindo-se a questões partidárias. Esquecem que as ações e acusações são desmascaradas pelo entendimento epistemológico da realidade e das capas irracionais que o pensamento burguês tem na tentativa de [...] “criar uma nova ideologia supracientífica ou anticientífica, graças à intuição, novo instrumento do conhecimento” (LUKÁCS, 1979. p.54).

Essa questão vai ao encontro do rol das intenções do pensamento neoliberal, lideradas pelo intento de despolitizar toda e qualquer tese, como se existisse uma ideologia neutra que pairasse acima da direita e da esquerda. É como se fosse possível atuar na realidade independentemente das questões

grande parte da costa brasileira como o caso espantoso do “O Paradiso Laguna” que estava sendo construído na Área de Proteção Ambiental (APA) do Rio Capivara na Bahia.

O Estado cultua de um lado ares de preservação, mas acaba acelerando um processo de extinção e/ou diminuição das unidades públicas que respondiam pela atividade turística, como Secretarias, setores e ou divisão. Na verdade o governo secundariza a atividade de turismo e facilita a entrada da iniciativa privada em áreas que antes eram cobertas pelo Estado.

No segundo capítulo do livro “O pós-turismo”, Molina associa o termo a uma transformação radical e tenta trazer o debate para o campo da ciência, quando diz:

O pós-turismo está condicionado por uma racionalidade que ultrapassa o empirismo radical, ou seja, a simples demonstração e comprovação quantitativa. [...] discurso que se desenvolve e se aplica ao projeto dos espaços, a estilos de gestão, ao desenvolvimento de produtos e de serviços e a uma forma de utilizar o tempo livre de férias, por exemplo. É, portanto, uma racionalidade pós-estrutural (MOLINA, 2003, p.45 e 46).

Sobre o surgimento do conceito de pós-turismo, acrescenta que o mesmo aparece devido à necessidade do “[...] desenvolvimento de um conhecimento científico que em parte se orienta para atender às necessidades do mundo interior, da realidade subjetiva dos indivíduos e dos grupos” (MOLINA, 2003, p. 46). O que significa que a razão histórica humana perde seu papel fundamental, dando lugar ao irracionalismo

---

objetivas e subjetivas que norteiam o entendimento do objeto; é como se tudo estivesse a serviço dos mais competentes e daqueles que acreditam em sua capacidade empreendedora.

Comentário contido no livro do autor: *Ideologia e Planejamento de Políticas Públicas em Turismo: Conceito e Epistemologia*, encaminhado para a publicação.

<sup>7</sup> Essa prática vem ocorrendo de forma acelerada com a implantação da “Política nacional de turismo de 2003 a 2007”. Em razão desse fato, aquele trabalho que nós começamos na década dos anos 70, em que fazíamos o discurso para que as regiões, municípios, estados e o próprio governo federal entendesse que o turismo deveria ser prioridade no conjunto das políticas públicas e para tanto, essas instâncias de poder deveriam criar suas secretarias, autarquias, divisões ou algum órgão público que se responsabiliza pelo desenvolvimento do turismo, hoje sofre o combate da criação dos Convention Visitors Bureaux que vem acoplado ao discurso neoliberal como a solução para o desenvolvimento do turismo.

individual, com isto, Molina nega a visão de totalidade e coloca a razão humana no campo do puro subjetivismo idealista.

Nesse caso o filósofo húngaro Georg Lukács esclarece que a observação psicológica, ou seja, o subjetivismo individualista fortalece:

A observação psicológica superficial da reflexão científica é que engendra a ilusão segundo a qual a intuição seria um instrumento independente do pensamento discursivo e destinado à compreensão das verdades superiores.

Essa ilusão, que consiste em confundir um método subjetivo de trabalho com uma metodologia objetiva e que é mantida pelo subjetivismo geral próprio da filosofia do estágio imperialista, servirá, portanto de base a todas as teorias modernas da intuição (LUKÁCS, 1979, p. 51 e 52).

Com base neste irracionalismo Molina entende, que tecnologia é o elemento fundamental que dá base ao suporte para trabalhar com as necessidades subjetivas dos indivíduos. Isto não seria usar a tecnologia para colocar aos indivíduos um processo de despolitização? Afastando-o da realidade histórica concreta e levando-o ao mundo da subjetividade metafísica, em que a razão é fruto da liberdade sem compromisso, com qualquer método explicativo da realidade. O que vale é os pensamentos livres desprovidos de regras, que permitem entender e compreender o eu de cada pessoa, este é o caminho que prepara os indivíduos para adotarem as leituras de auto-ajuda.

Molina com seu esforço de se explicar o que entende por “Pós-turismo” afirma:

Em um “esforço de compreensão”, algo similar poderia ocorrer com o paradigma do chamado pós-turismo. Este não é apenas um turismo com mais tecnologia, mas constitui um modelo que ultrapassa o anterior, que estabelece novas relações entre seus componentes e que gera produtos/serviços diferenciados em relação ao turismo.

Trata-se de um novo paradigma que não deve ser analisado com a racionalidade do paradigma anterior (MOLINA, 2003, p.52).

Em primeiro lugar, Molina tenta descartar a idéia de associar o termo pós-turismo ao surgimento da tecnologia, mas para ele quem detém a alta tecnologia, pode desenvolver o fenômeno turístico dentro das bases do pós-turismo. O que nos leva a entender que esse conceito “científico” acaba negando o seu principal axioma que é o

pressuposto de universalidade. Um conceito para ser considerado científico tem que ter validade universal, coisa que não verdade com o conceito de pós-turismo.

No entendimento de Molina as características do “pós-turismo” são:

1- “Deslocamento desnecessário do local de residência” (MOLINA, 2003, p.53). Neste processo Molina está certíssimo, um dos pressupostos básicos do turismo tidos como consagrado em todos os estudos que discutem o surgimento do mesmo, colocam o deslocamento como elemento fundamental para o fenômeno se concretizar. Esta era uma verdade já questionada que estava amadurecendo historicamente e que se explicita como possível de desenvolver o ato turístico sem deslocamento, pois a tecnologia permite tornar sua casa e seu computador elementos que o substituem.

2 – “Nenhum contato com indivíduos das comunidades locais” (MOLINA, 2003, p.53). Nesta afirmação Molina afirma que os turistas, não estão interessados na aprendizagem da cultura local, mas sim em aventura e risco controlado pela alta tecnologia. Perguntamos qual é o tipo de turista a que se refere? Ou melhor, que classe social pertence esse turista?

O indicador parece ser o turismo a classe A, pois este perde a característica de ser turista para ser coisificado e tornar-se mera mercadoria com alto valor de troca e de uso.

3 – “Contatos com cenários naturais pela aplicação de tecnologias” (MOLINA, 2003, p.54). Segundo Molina, se refere à construção de ambientes e sistemas fechado ou semi-fechado de entretenimento e lazer, com elevados investimentos financeiros. Novamente percebemos que o conceito de pós-turismo só se concretiza para as classes dominantes.

4 – “Deslocamento (não confundir com eliminação) de mão-de-obra, causado pela incorporação de processos automatizados de alta tecnologia” (MOLINA, 2003, p.54). Molina parece esquecer que o processo de deslocamento de mão de obra, não ocorre nos países emergentes ou periféricos. Mas sim, a eliminação desses, que são sumariamente demitidos, pois o Capital necessita aumentar o acúmulo de capital e para isso, desenvolve um processo de mundialização e se expande, pois;

As multinacionais deixam que os seus parceiros subalternos, os beneficiários da franquia, suportem o peso de todos os investimentos locais e enfrentem os imprevistos das flutuações da demanda. Elas remetem totalmente aos franqueados tudo o que diz respeito aos

numerados problemas da administração cotidiana da força de trabalho. Longe de estar em contradição com a exploração das vantagens de localização, essa forma permite alcançá-las ao menor custo e com o máximo de lucro.

Boa parte das atividades ligadas à indústria do turismo (hotéis e restaurantes, cubes de férias) são intensivas em mão-de-obra; é por isso que as multinacionais do setor obtêm consideráveis vantagens por sua localização em países que combinem atrações naturais com mão-de-obra barata (CHESNAIS, 1996, p. 203).

5 – “O pós-turismo não está determinado pelos recursos naturais nem pelos recursos culturais disponíveis na região” (MOLINA, 2003, p.54). Molina deixa claro que o turismo depende cada vez mais da tecnologia e que a mesma tem o poder de suplantar a natureza (praia, sol, montanha e construções do acervo cultural).

O turismo produzido pelo pós-turismo parece ser produto da materialidade idealista, que seduz o lúdico dos turistas preocupados em satisfazer um egoísmo individualista, próprio do neoliberalismo.

Estas características reforçam nossos estudos, o entendimento do conceito de “pós-turismo” para Molina está formatado dentro de uma base epistemológica estruturalista, reduzindo o termo “pós” a algo determinado pelo avanço tecnológico e não pela racionalidade humana, ou melhor, há um desprezo pela razão e um apego à criação de modelos para entender a realidade. Esses construtos mentais de fundo idealista para se defenderem tacham o movimento dialético e histórico como totalitários e ligados ao determinismo das leis da natureza.

Com esse comentário, podemos indagar, nós latino-americanos dificilmente poderemos ter em nosso continente a aplicabilidade do conceito de “pós-turismo”, em razão de não dominarmos a alta tecnologia no campo da informática. O “pós-turismo” estaria reservado aos países desenvolvidos? Ou esse conceito é por si equivocado?

Para Molina Pós-turismo são os parques temáticos, em que a tecnologia manipula o real e leva o cotidiano das pessoas ao sabor do lúdico que substitui a consciência da *práxis* social pelo imaginário metafísico do impossível, materializado pela fuga do mundo dos mortais para o patamar dos super-heróis. Esse apego ao mundo do irracionalismo reflete a negação e desprezo para com a razão e a história.

A sociedade não pode ser vista conforme o olho de quem a controla economicamente, politicamente e socialmente, bem como, os conceitos são resultado de uma *práxis* histórica, por isso Molina acabou contribuindo para o empobrecimento da definição de “pós-turismo”. Trazendo a compreensão do fenômeno turístico para o campo tecnicista e fenomenológico o que vulgariza a ciência do turismo, pois coloca o mesmo num patamar de negação da dimensão histórica:

[...] a serviço dos interesses dominantes da ordem estabelecida. Nesse espírito, as definições de “modernidade” são construídas de tal maneira que as especificidades socioeconômicas são apagadas ou deixadas em segundo plano, para que a formação histórica chamada de “sociedade moderna” nos vários discursos ideológicos sobre a “modernidade” possa adquirir um caráter paradoxalmente *intemporal rumo ao futuro*, em virtude de sua contraposição, exagerada de modo acrítico, ao *passado* mais ou menos distante (MÉSZÁROS, 1996, p. 29).

Concluindo esse breve comentário a respeito do conceito de pós-turismo, não poderíamos deixar de salientar que o mesmo definido por Molina oferece o risco da visão fragmentada, e da incorporação de uma historiografia hegemônica em detrimento a uma historiografia Latino-americana e acaba subestimando a intelectualidade regional.

Por isso, terminamos com um pensamento de Georg Luckács que em seu livro clássico: *El Asalto a la Razon – La trayectoria Del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler*, afirma que “[...] no hay ninguna ideología “inocente”. No la hay en ningún sentido, pero sobre todo en relación con nuestro problema, y muy en especial en lo que se refiere cabalmente al sentido filosófico [...]”. (LUCKÁCS, 1972, p. 4 e 5).

No item “DESAFIOS DO PÓS-TURISMO PARA OS PAÍSES LATINO-AMERICANO”. Molina discute o conceito de pós-turismo, afirmando que o mesmo “nasce em países com maior grau de desenvolvimento econômico e social. Dali, historicamente pode se deslocar (e universalizar) aos países com menor grau de desenvolvimento relativo” (MOLINA, 2003, p. 55). Mais uma vez Molina reafirma que o conceito de pós-turismo não possui uma abrangência universal, mas si localizada, portanto, ao invés de conceito é na verdade um tipo de turismo.

O pós-turismo é então um turismo possível para alguns e não para todos, isto é, somente as classes abastadas é que podem exercitar esse tipo de turismo

alienante, despolitizado e que aprofunda ainda mais as diferenças sociais. Mais adiante em seu livro Molina afirma:

O pós-turismo representa uma oportunidade para aprender uma nova cultura: a tecnológica. O pós-turismo estabelece uma modificação radical, um ponto de confluência emergente entre as sociedades tecnológicas mais avançadas e as da América Latina.

Há que se reconhecer que o pós-turismo, como todo processo de mudança, produzirá desigualdades econômicas, sociais, tecnológicas e produtivas (MOLINA, 2003, p. 56).

Segundo Molina o pós-turismo favorece aprender uma nova cultura: a tecnológica, que alimenta a desigualdade e a dominação do capital avançado sobre as referências econômicas locais. Libertando o Capital para reproduzir sua mais-valia em escalas mundiais. Na verdade coloca a desigualdade a serviço do turismo *apartheid*, muito comum nos grandes Resorts e condomínios residências para estrangeiros, privatizando espaços coletivos e expulsando ou restringindo os nativos da área.

E para terminar esse ponto, Molina reafirma que o pós-turismo é um tipo de turismo a serviço dos interesses do Capital, quando diz. “O pós-turismo atrai a princípio e quase por definição grandes consórcios, empresas com um grande respaldo financeiro que lhes permita suportar altos custos de investimento em tecnologias” (MOLINA, 2003, p. 57). Por isso, esse conceito é falho em sua definição, como também, sem validade universal.

Em outro item, Molina de forma intencional vem abrindo caminho, para demonstrar que o conceito de pós-turismo se configura como produto das empresas capitalista, que lideram o controle e manipulação de tecnologias de informação. E que estão organizadas pelo profissionalismo globalizado e que: “Determinam suas estratégias de uma maneira mais equilibrada, contemplando no mix estratégico tanto suas próprias forças como as que se mobilizam no exterior” (MOLINA, 2003, p. 63)

Na verdade, somente os países que detêm o desenvolvimento pleno das suas relações de produção, podem ser possuidores de patentes de tecnologias no campo da informática. Isso os torna imbatíveis no mercado, na produção de mercadoria e na criação de tecnologias de ponta, que só podem ser de acesso “universal” quando do pagamento de *royalties*.

Acentua ainda mais o processo de dependência de uma nação em relação à outra, o lazer deixa de ser espontâneo, o turismo como elemento condutor da sociabilidade deixa de ser resultado da relação recíproca com o outro, e passa a cultivar a relação com a máquina. Produzindo o turismo e lazer imbecil, alienante e irracional, como bem, salienta Molina:

Por exemplo, [...] o estádio coberto e de clima artificial, a praia artificial com ondas, palmeiras, vegetação e areia trazida do Caribe, um ecossistema tropical que se desenvolve em um ambiente de inverno. Todo o conjunto dessas tecnologias, já disponíveis e em funcionamento permite recriar uma praia caribenha em pleno inverno do hemisfério norte (MOLINA, 2003, p. 72).

Esclarecemos ao leitor, que não somos contra a tecnologia a serviço do ser humano, como também, a existência de parques temáticos. O que somos contrários, é a criação destes descolados de qualquer projeto político-pedagógico, seja histórico, cultural e social, pois os mesmos têm uma responsabilidade educativa para sociedade. E não pode persistir o uso e abuso do Lúdico em que a razão dá lugar ao irracionalismo e provoca entre os jovens acidentes, como:

- Voar com roupas de super-heróis, já levou inúmeros jovens a acidentes fatais;
- Um processo de desculturação que pode levar a perda identidade nacional. Processo acelerado pela cultura hegemônica globalizante imposta pelas multinacionais do entretenimento;
- Processo de despolitização constante, pois as catástrofes, no mar, na terra e no ar podem ser evitadas pela aplicação do turismo sustentável.

Nesse caso, Molina parece cultivar ou dar espaço para o turismo tecnológico como elemento que acompanha a desumanização do homem e a negação do mesmo, pois ele pode ser substituído pela máquina. O que vale é fabricar sentimento, estabelecer relações cada vez mais globalizantes, e ajudar a cristalizar uma cultura apoiada em uma historiografia universal, em que as identidades se tornariam secundária, e a forma de ver o mundo é da ótica hegemônica da classe dominante.

Em sua análise, Molina esquece ou oculta de forma proposital, que as referências econômicas potencializam as relações sociais, e determinam os diferentes

tipos de turismo, entretanto, entre eles há algo incomum. Todos estão vinculados no interior do valor de uso e valor de troca, isto é, alcançaram a maioria enquanto mercadoria e, portanto, é apropriado pela sociedade capitalista na relação de exploração.

### **VISÃO DE MUNDO DE SÉRGIO MOLINA**

A formatação do pensamento do economista Sergio Molina em seu livro “O pós – turismo” sinaliza para a epistemologia de base estruturalista, pois reduz o termo “pós” a algo determinado pelo avanço tecnológico e conseqüentemente o avanço das relações de produção. E não pela racionalidade humana, ou melhor, há um desprezo pela razão histórica como atributo explicativo da realidade, e um apego à criação de modelos para entender a realidade turística.

Estes modelos são construtos mentais de fundo idealista que tentam tachar o movimento dialético e histórico como totalitários e ligados ao determinismo das leis da natureza, Molina trilha suas reflexões no campo heurístico de camadas ou faces. Obviamente a construção de modelos tende a desprezar a realidade histórica em sua totalidade e trabalhar com determinações sociais específicas e periféricas, reduzindo a totalidade a modelos com espaços e tempos delimitados e uma maneira metodológica de entender determinado fato social.

A visão de Molina, hoje se concretiza como a raiz capaz de produzir embates acadêmicos de enorme refino científica, pois as leituras que questionam as afirmações do autor estão produzindo reflexões importantes para a compreensão do turismo como ciência.

### **BIBLIOGRAFIA**

- CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.
- ENGELS, Friedrich. **Anti-Duhring: filosofia, economia política, socialismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LOMBARDI, José Claudinei. Globalização, Pós-Modernidade e Educação. In: **Globalização, pós-modernidade e educação: história, filosofia e temas transversais**. (org) José Claudinei Lombardi. 2. ed. Ver. E ampl. – Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Caçador, SC: UnC, 2003.
- LUKÀCS, Georg. **El Asalto a la Razon: La trayectoria del irracionalismo desde Schellin hasta Hitler**. São Paulo.: Contexto, 1972.

- LUKÁCS, Georg. **Existencialismo ou Marxismo**. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Ensaio, 1996.
- MOLINA, Sergio. **O pós-turismo**. São Paulo: Aleph, 2003.
- MARX, Karl. **Para a crítica da economia política; Salário, preço e lucro; O rendimento e suas fontes: a economia vulgar**. São Paulo: Abril Cultural, 1982
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, **A Ideologia Alemã I: Crítica da filosofia Alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão na dos seus Diferentes profetas**. Portugal: Presença, 1976.
- MARX, Karl e Engels, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: CHED, 1980.
- RIBEIRO, Darcy. O Povo Latino-Americano. In. **O Brasil como Problema**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- SANTOS FILHO, João dos. **Ontologia do Turismo: estudos de suas causas primeiras**. Caxias do Sul: Educs, 2005.
- **Ordem Régia de Censura a Roteiros Turísticos do Século XVIII: André João Antonil no Índice**. In: *Revista Turismo em Análise*. São Paulo: ECA/USP. V 12, n.1. 2001.
- Negação do Paraíso Celestial e a luta pela Emancipação do Trabalho: a Busca do Reino da liberdade. Ensaio Sociológico sobre o Fenômeno do Lazer em Karl Marx e Paul Lafargue. In: *Revista Turismo em Análise*. São Paulo: ECA/USP. V 15, n.2. novembro de 2004.
- SECALL, Rafael Esteve. **Turismo, Democratización o Imperialismo**. Espanha – Málaga. Universidad de Málaga, 1983.